

A Diversidade na Era Pós-Verdade

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Atena
Editora
Ano 2019

A Diversidade na Era Pós-Verdade

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Atena
Editora
Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
D618	A diversidade na era pós-verdade [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-871-7 DOI 10.22533/at.ed.717192312 1. Comportamento informacional. 2. Desinformação. 3. Fake news. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. CDD 306.4
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

“[...] o informador é obrigado a reconhecer que está permanentemente engajado num jogo em que ora é o erro que domina, ora a mentira, ora os dois, a menos que seja tão-somente a ignorância” Patrick Charaudeau.

Buscou-se neste e- book pensar sobre a Educação, a diversidade num mundo de pós-verdade, partindo do princípio que se vive a era da pós-verdade, cujo conceituação é de grande complexidade, pois a “pós-verdade” não se constitui apenas numa mentira, ou meia verdade, ou convicção. A verdade é um efeito discursivo. Esse fenômeno implica na maioria dos casos na prevalência de uma “verdade” sustentada por um raciocínio axiológico e patêmico. Estudar e problematizar a pós-verdade dentro do campo educacional se faz urgente, em especial, quando um dos deveres da escola são o acolhimento e a compreensão da diversidade humana. Assentados nos estudos de autores como Foucault, Angenot, Emediato, Boudon e outros, parte-se da premissa que a pós-verdade acentua-se na sociedade brasileira causando a indisponibilidade ao diálogo, assim, a maior parte das pessoas tendem a tratar as informações como verdadeiras só àquelas que confirmem suas crenças em detrimento daquelas que as invalidam. Cabe a todos sabermos problematizar o caráter retórico da percepção da pós-verdade, olhando para suas derivas, suas dispersões, no sentido de compreendermos como lidamos com aquilo que lemos, vemos, sentimos e agimos.

O século XXI emerge sob égide da complexidade das relações humanas e das mudanças civilizacionais. A complexidade e as transformações atingem a todos de forma implacável, em especial no que tange a educação; ao acolhimento e a compreensão da diversidade humana em seus vários âmbitos, soma-se a isso o modo como às pessoas interpretam a “verdade” do que ouvem, veem, leem, sentem ou a expressam.

As sociedades contemporâneas parecem viver num paradoxo constante: por um lado temos o neoliberalismo tentando impor-se e, por outro, o clamor da discussão de temas como o da diversidade humana e identitária, reivindicada por diversos movimentos/manifestações constantes em busca do reconhecimento das próprias especificidades (Tosi, 2010).

É necessário que os estudos e as pesquisas foquem no lado social, que busquem maneiras de amenizar as consequências da pós-verdade no ambiente digital, demonstrando aos cidadãos o quão importante é para a sociedade a sua participação na gestão da informação. Com uma sociedade criticamente atuante, que preze pela fidedignidade das notícias e pesquise a realidade dos fatos, independentemente de opiniões pessoais, as fake news, aos poucos, poderá diminuir sua visibilidade e a presença do fenômeno da pós-verdade, no ambiente digital, tende a ser reduzida.

Sendo assim, este e-book tem como objetivo refletir sobre a pós-verdade no campo da educação e da diversidade humana. Como podemos educar os homens para a verdade pautada na ética? Como a pós-verdade põe em risco um dos grandes

desafios da educação é que o de promover o acolhimento e a compreensão da diversidade humana em seus vários âmbitos, seja dentro ou fora da escola?

Boa leitura!!!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A DIVERSIDADE NA PÓS VERDADE: PRÁTICAS DISCURSIVAS ENTRE FEMINISMO E A FAMÍLIA POR UMA ÓTICA FOUCAULTIANA	
Solange Aparecida de Souza Monteiro Heitor Messias Reimão de Melo Débora Cristina Machado Cornélio Paulo Rennes Marçal Ribeiro Valquíria Nicola Bandeira Carlos Simão Coury Corrêa Andreza de Souza Fernandes Monica Soares	
DOI 10.22533/at.ed.7171923121	
CAPÍTULO 2	19
AS OFICIAIS DA MARINHA DO BRASIL TITULARES DE ORGANIZAÇÕES MILITARES E SUAS TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS	
Vanessa Coelho dos Reis Luciana Patrícia Zucco	
DOI 10.22533/at.ed.7171923122	
CAPÍTULO 3	31
ENCARCERAMENTO FEMININO: A (IN)EFICÁCIA DA POLÍTICA CRIMINAL ENQUANTO VIOLADORA DE DIREITOS	
Daiana Maturano Dias Martil Rodrigo Ghiringhelli de Azevedo	
DOI 10.22533/at.ed.7171923123	
CAPÍTULO 4	42
GESTÃO DE PESSOAS E LIDERANÇA: UMA ÓTICA FEMININA	
Lucília Grando	
DOI 10.22533/at.ed.7171923124	
CAPÍTULO 5	53
ESCRITAS DE SI, POLIFONIA E CONSTITUIÇÃO DE REDES NA IMPRENSA LÉSBICA BRASILEIRA: UMA DISCUSSÃO DA REVISTA FEMME (1993-1996)	
Carolina Maia	
DOI 10.22533/at.ed.7171923125	
CAPÍTULO 6	64
GESTÃO UNIVERSITÁRIA COM BASES NO FEMINISMO E NAS PRÁTICAS ARTÍSTICAS PERFORMATIVAS	
Bya Braga	
DOI 10.22533/at.ed.7171923126	

CAPÍTULO 7	76
EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE NUM MUNDO DE PÓS-VERDADE	
Maria Regina Momesso Solange Aparecida de Souza Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.7171923127	
CAPÍTULO 8	86
MEMÓRIAS EDUCATIVAS DE LÉSBICAS: A MASCULINIDADE FEMININA COMO VISIBILIDADE DA DISSIDÊNCIA	
Keith Daiani da Silva Braga Arilda Ines Miranda Ribeiro Marcio Rodrigo Vale Caetano	
DOI 10.22533/at.ed.7171923128	
CAPÍTULO 9	92
NEGRAS JOVENS OU JOVENS NEGRAS? UM OLHAR AO RACISMO E AO SEXISMO NA CONSTRUÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS DAS MULHERES NEGRAS	
Marjorie Evelyn Maranhão Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7171923129	
CAPÍTULO 10	104
QUEBRANDO IDEOLOGIAS SEGREGACIONISTAS: A INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NAS EMPRESAS	
Iury Fagundes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.71719231210	
CAPÍTULO 11	116
REPRESENTAÇÃO FEMININA DENTRO DO SISTEMA DO PODER JUDICIÁRIO DO ESTADO DE MATO GROSSO	
Raisha Conceição Silva Ellen Laura Leite Mungo	
DOI 10.22533/at.ed.71719231211	
CAPÍTULO 12	123
O DISCURSO FEMINISTA NAS PICHÃOES: UM OLHAR SOBRE O URBANO	
Camilla Machado Cruz Thágila da Silveira Ribeiro Taís da Silva Martins	
DOI 10.22533/at.ed.71719231212	
CAPÍTULO 13	136
TERRITÓRIO, CULTURA E IDENTIDADE NAS VOZES FEMININAS DA OBRA QUILOMBOLAS DO TOCANTINS	
Rose Dayanne Santana Nogueira	
DOI 10.22533/at.ed.71719231213	
CAPÍTULO 14	148
PÁSSAROS DE PASSAGEM TAMBÉM SÃO MULHERES	
Carmem Silva de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.71719231214	

CAPÍTULO 15	157
MULHERES INDÍGENAS DE RORAIMA: PROTAGONISMO, RESISTÊNCIA E LUTA Marcos Antonio Braga de Freitas Andréa Freitas de Vasconcelos DOI 10.22533/at.ed.71719231215	
SOBRE A ORGANIZADORA	168
ÍNDICE REMISSIVO	169

MEMÓRIAS EDUCATIVAS DE LÉSBICAS: A MASCULINIDADE FEMININA COMO VISIBILIDADE DA DISSIDÊNCIA

Keith Daiani da Silva Braga

Instituto Federal de Goiás, Faculdade de Pedagogia, Aparecida de Goiânia – Goiás

Arilda Ines Miranda Ribeiro

Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Unesp, Presidente Prudente-São Paulo

Marcio Rodrigo Vale Caetano

Universidade Federal do Rio Grande, Departamento de Educação, Rio Grande- Rio Grande do Sul

RESUMO: Os estudos sobre masculinidades raramente debatem sua presença em corpos de mulheres. Todavia, não cremos que os homens tenham uma ligação prévia, dada, “essencial” com a masculinidade; mas sim que ela se trata um atributo reivindicado e performatizado também por mulheres, ao longo da história. As experiências lesbianas são o lócus privilegiado para uma gama de expressões e identificações masculinas e, se a temática não é tão estudada é devido o rechaço patriarcal direcionado àquelas que são lidas como “imitações” de homens. Destarte, nossa proposta, é trabalhar o tema a partir de narrativas de vida de mulheres lésbicas participantes do estudo de doutorado, no campo da educação, “Lesbianidades, performatizações de gênero e trajetória educacional”.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidade feminina,

lesbianidades, visibilidade, hipervisibilidade e experiências educativas.

EDUCATIONAL MEMORIES OF LESBIANS: THE FEMALE MASCULINITY AS VISIBILITY OF DISSIDENCE

ABSTRACT: Studies on masculinities rarely discuss their presence in women’s bodies. However, we do not believe that men have a prior, given, “essential” connection with masculinity; but rather that it is an attribute claimed and performed also by women throughout history. Lesbian experiences are the privileged locus for many masculinity expressions and identifications, and if the subject is not so studied, it is due to the patriarchal rejection of those read as “imitations” of men. Thus, our proposal is to work the theme from narratives of life of lesbian women participating in the doctoral study in the field of education, “Lesbianities, gender performatizations and educational trajectory”.

KEYWORDS: Female masculinity, lesbianities, visibility, hypervisibility and educational experiences.

1 | INTRODUÇÃO

Nosso texto tem por objetivo debater a questão da masculinidade feminina em corpos lesbianos como modo de tornar a dissidência sexual feminina visível. Para alcança-

lo, apresentaremos alguns resultados presentes na pesquisa de doutoramento denominada “Lesbianidades, performatizações de gênero e trajetória educacional” realizada na área da educação. A investigação se ancora em teorizações de autoras e autores alinhadas aos feminismos e metodologicamente, os dados foram produzidos por meio de entrevistas abertas.

Trabalharemos com o conceito de masculinidade feminina proposto por Jack Halberstam (2008) em sua obra “Masculinidad Femenina” para argumentar que nem todas as lésbicas vivem em presumidos contextos de ocultação, ao contrário, com a masculinidade em seus corpos, podem se encontrar na primeira linha da visibilidade (PLATERO, 2009).

2 | O CONCEITO DE MASCULINIDADE FEMININA

Halberstam (2008) chamou de masculinidade feminina, as masculinidades sem homens, alternativas à hegemônica, produzidas no corpo das mulheres. O trânsito de gênero que permite a performance masculina, não é entendido, nessa perspectiva, como exclusividade de transhomens, FTM’s (female to male) e transgêneros. Lésbicas e mulheres heterossexuais também podem se constituir em desacordo com os códigos e expectativas de feminilidade sem necessariamente desejarem mudar de sexo ou terem uma sensação profunda de pertencimento a um gênero distinto do assignado no nascimento.

O autor pensa numa masculinidade vivida por mulheres, porque em sua visão o gênero não só não se justifica pela biologia, mas também não a tem como base. Ainda que muitas teorizações feministas tenham postulado que o gênero trata-se de uma construção social, ou seja, algo relacionado ao comportamento humano formado socialmente pela cultura (gostos, vestimentas, modo de ser) e não ao corpo, aos órgãos sexuais, a dimensão biológica não foi desconstruída completamente; quando dizemos que o caráter não emana da biologia estamos nos opondo ao determinismo biológico, contudo, enquanto a biologia for concebida, por nós, como o lugar da formação do caráter, a dimensão biológica, ainda é contraditoriamente invocada (NICHOLSON, 2000).

Linda Nicholson (2000) chamou de fundacionalismo biológico: a crença de que o sexo não determina o comportamento, mas tem um papel bastante importante, o de prover o lugar onde o gênero será construído, o sexo é convertido em base material para a significação cultural do gênero. Desconstruir o fundacionalismo biológico, para Nicholson (2000), bem como para Butler (2003) implica em entender que o gênero não apenas diz respeito a personalidade e o comportamento, mas principalmente, ao modo como o corpo é percebido. Não deveríamos nesse sentido, considerar o gênero enquanto inscrição cultural de um sexo autônomo (FOUCAULT, 1985). O gênero precisaria ser compreendido como o meio discursivo e cultural através do qual o sexo é tanto produzido quanto afirmado como pré-discursivo (BUTLER, 2003).

É nessa mesma linha que Halberstam (2008) aposta ao refutar que a masculinidade tenha uma ligação prévia, dada, com os homens. A masculinidade foi e ainda é um atributo reivindicado e performatizado tanto por homens quanto mulheres, ao longo da história. Todavia, a ligação entre mulheres e masculinidades tem sido bastante ocultada, em comparação com a relação homens e feminilidades (MEINERZ, 2011). A temática não é investigada academicamente, em partes, por conta do rechaço patriarcal direcionado àquelas que são percebidas como “imitação” de homens, e também devido ao debate sobre masculinidades ainda ser, de modo geral, desenvolvido por pesquisadores homens e suas visões do tema (HALBERSTAM, 2008).

A lesbianidade se entrelaça com as masculinidades femininas, porque as mulheres também podem se emaranhar nos jogos de poder masculino, por privilégio, liberdade, apreciação e por outras mulheres, sem que isso signifique reproduzir a dominação masculina ao ocupar o lugar socialmente atribuído ao homem (MEINERZ, 2011). No entanto, acreditamos com Halberstam (2008) que mesmo a masculinidade sendo passível de ser vivida por mulheres heterossexuais, é efetivamente quando se intersecciona com o desejo lesbiano que se torna bastante ameaçadora e potente, já que as experiências lesbianas são o lócus privilegiado para uma gama de expressões e identificações masculinas, enquanto a heterossexualidade segue com seus limites e graus preestabelecidos para que ela possa acontecer (PLATERO, 2009, MEINERZ, 2011). A masculinidade feminina está atrelada à hipervisibilidade lesbiana, porque como nos explica Alison Eves (2004), a partir das elaborações de Nestle (1992), historicamente as lésbicas masculinas, butchs nos termos norte-americano e europeu, tem sido a representação visível do desejo lesbianos. Em síntese, falamos de sujeitos cujos corpos carregam consigo uma estilística que os “[...] sitúan en la primera línea de la hipervisibilidad ” (PLATERO, 2009, p.02).

3 | AS LÉSBICAS QUE TODO MUNDO CONHECE

Podemos confirmar essa visibilidade extrema nas narrativas das participantes (com nomes aqui fictícios) de nossa investigação, quando rememoram mulheres lésbicas conhecidas de suas cidades, que apesar de muito pequenas, não conseguiam preservar o silêncio diante das moradoras “sapatonas”, “caminhoneiras”, por suas transgressões de gênero:

A família Lourenço na época era uma das famílias mais ricas da [cidade], então era uma família popular muito conhecida e eles moravam [...] muito no centro, era dois quarteirões da Igreja, enfim... a família era muito rica e a família Lourenço sempre teve amizade com a família do meu pai, minhas tias já trabalharam pra mãe dela, trabalharam na casa dela, da Derci, é... a gente via a Derci entrando e saindo [...] eu via a Derci, ela tinha uma mulher, uma namorada que era a Rute. Era muito assim, todo mundo comentava, todo mundo comentava! [...] A namorada dela [...] só tinha uma Biz, e comentavam que era sustentada pela Derci Lourenço que era sapatona, a cidade inteira comentava! A Derci andava bem machona assim tal, que nem um piãozão de sítio, de chegar com aquelas calças toda cheia de barro. Eu

olhava aquilo e pensava “Gente, eu acho que eu gosto de mulher, mas também eu não sou assim” (Entrevistada Patrícia, 29 anos).

Patrícia também se recorda que quando criança todos, da cidade de menos de 20 mil habitantes, falavam de Paulão, menina negra masculina, neta de um morador antigo:

[...] Tipo assim, era uma menina negra, bem machinho, cabelo cortado curto assim, camiseta, short, e todo mundo tipo, assim, “Ai a Paula lá do Seu Genor, só vive no meio de moleque”, tipo assim você escutava, e você não escutava só da minha mãe, por exemplo, se a minha mãe conversava com a Dona Ana e com o Seu João, que eram os velhinhos que moravam do lado, aí a Dona Ana: “Ai Lúcia, olha lá a Paula”, [com desaprovação], eu lembro disso, eu lembro da Dona Ana sentada na cadeira de área, minha mãe chegando do serviço e a Dona Ana falando: “Ai a Patrícia é uma menininha tão boazinha, né, Lúcia? Nem vai lá na rua” e minha mãe falava “Ai não, não deixo a Patrícia ficar na rua não [...], não gosto dessas coisas, D. Ana”, aí ela falava: “Ai, olha a neta do Seu Genor ali brincando com os moleques... até parece moleque”. Hoje todo mundo chama ela de Paulão, ela é lésbica e [...] a esposa dela tem três filhos (Entrevistada Patrícia, 29 anos).

Mia se lembra que ao longo da infância e adolescência, o município que cresceu de aproximadamente 4 mil habitantes tentava decifrar Robertão:

[...] a Robertão... era uma moça que morava lá [na minha cidade] e ela era masculina. Só que ela tinha filho, ela saía com os homens para ter filhos e criava. E aí ela era muito marginalizada, muito marginalizada, ela era negra, masculina e ela era pobre, e ela bebia e batia nas mulheres, batia nos homens. Então era uma coisa que eu não queria ser, por preconceito, por ver que assim, tipo, não era um modelo. Não era uma coisa que alguém queria ser. [...] E era uma coisa engraçada [para as pessoas da cidade], todo mundo via e chamava “ei Roberto”. [...] Antes era Roberta, eu lembro da Roberta cabelo batidinho, vestia camisa, a Roberta assim assado. Depois virou Roberto, mas o Roberto tinha filho e meio que confundia quando criança, para mim era muito bizarro (Entrevistada Mia, 27 anos).

Caroline também se recorda de mulheres lésbicas bastante comentadas em sua cidade de 15 mil habitantes:

[...] [lembro] de um casal já adulto, que viviam juntas, as mulheres. Uma delas tinha um filho... e uma ajudou a criar o menino até grande assim entendeu? A lésbica mesmo, porque a outra acho que era bi. E assim, era aquele converseiro delas, falavam muito delas, muito delas, muito delas mesmo! Tinha também outro casal também que sofria bastante preconceito e uma principalmente uma porque ser negra e gorda e a outra por ser pobre

É interessante explicar que, quando iniciamos nossa pesquisa de doutoramento, construímos a ideia de trabalhar com mulheres lésbicas que moravam ou viveram boa parte de suas vidas em cidades pequenas, na região de Presidente Prudente (SP) por crermos que nem todos os sujeitos dissidentes estão situados em capitais ou grandes centros, e tal recorte, da lesbofobia em cenários interioranos ainda carecia de estudo

e análise. No contato com as participantes era recorrente em seus relatos a ideia de que elas não tinham “nada de interessante” para oferecer a uma pesquisa acadêmica e a recordação dos meninos gays dos tempos de escola e da comunidade era muito rápida, levando algumas a afirmar que não sofriam ou não acreditavam na violência contra a lésbicas, marca típica do discurso que toma a homofobia como sinônimo de preconceito e discriminação exclusivamente contra homens gays. Entretanto, nos processos de recordar a infância, elas passaram a narrar como algumas “sapatonas” eram destacadas e hipervisíveis – comentadas por todos da cidade – em especial por suas performatizações de gênero na masculinidade. E que a lesbofobia também se tornava mais forte e explícita na vida dessas mulheres, já que todos comentavam, riam, debochavam e as excluíaam.

Outro ponto importante nas histórias de vida abordadas, é a forma lesbofóbica com que as masculinidades lesbianas são aprendidas pelas entrevistadas. Mia e Patrícia, aqui e em outros momentos da narração detalham angústia e rejeição ao “modelo” de lésbica que era mais conhecido em suas cidades, rememoram os episódios que sujeitos da família, vizinhança e da escola marcavam as “sapatonas” e “machonas” como algo grotesco, falido e indesejável.

Durante seu estudo de mestrado, “Entre Mulheres: Estudo etnográfico da constituição de parcerias sexuais e afetivas entre mulheres de camadas médias urbanas” defendido em 2005, Meinerz pontua que também começou a notar a rejeição sofrida pelas mulheres masculinas por parte das lésbicas. Eram empenhadas contra elas desde risadas, piadas e imitações jocosas da masculinidade até o discurso aberto em que pontuavam que não eram iguais aquelas mulheres, pois ser lésbica não implicava em ser menos mulher (MEINERZ, 2011).

Na visão da pesquisadora, embora pareça um discurso que versa sobre o outro, ele opera como um discurso de si, em que o sujeito ao rechaçar àquelas vistas como “imitação de homens” afirma a própria normalidade em relação as expectativas de gênero, e mais, que tais comportamentos desrespeitosos estavam relacionados a um disciplinamento de si, em termos de se tornar normal e também capaz de gerenciar a visibilidade da sua sexualidade (MEINERZ, 2011).

Resultado semelhante é sinalizado na pesquisa portuguesa realizada por Brandão (2015), com dezoito histórias de vidas lesbianas a respeito da negociação entre a vida amorosa secreta e as relações sociais íntimas. A autora expõe que dentre as estratégias empenhadas pelas participantes, para ocultar seus relacionamentos das demais pessoas estavam: não manter amizades e proximidades com mulheres atreladas ao estereótipo “lésbica máscula”, bem como, não se apresentar aos outros com uma estética que se afaste da feminilidade normativa.

Para Brandão (2015) se por um lado as entrevistadas tinham o privilégio de “se passarem” por heterossexuais, por outro experimentavam a angústia da invisibilidade. Ao reconhecerem o poder que possuíam de gerenciar quem podia e quem não podia ter conhecimento dessa parcela de suas vidas, refletiam que isso era possível

efetivamente porque fora da masculinidade feminina a lesbianidade parecia inexistir e esta constatação fazia com que se sentissem desligadas, alheias e deslegitimadas por seus grupos sociais.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Numa sociedade ainda bastante heteronormativa, saturada de imagens, propagandas e educação sexistas é realmente difícil supor que apenas a existência de desejos dissidentes, muitos mantidos em segredo como nos casos mencionados da pesquisa de Brandão (2015) ou aspirados (no sentido de desejados) em nossa investigação bem como de Meinerz (2011), seja suficiente para desafiar a heterossexualidade presumida (CALHOUN, 1995; EVES, 2004).

É somente na intersecção com o gênero também dissidente (masculinidade feminina) que reside a maior transgressão da lesbianidade, em termos de se fazer visível, presente, concreta, destacada, existente e pensável, na visão da filósofa feminista Cheshire Calhoun (1995, p. 22-23): “O que estou sugerindo é que o desejo pelo mesmo sexo não representa por si só a lésbica e a torna pensável, a sexualidade deve, de alguma forma, levantar para nós a questão da categorização sexo/gênero antes que ela possa efetivamente representar a lésbica” (tradução nossa).

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, A.M. A gestão do segredo: homo-erotismo feminino e relações familiares e de amizade, **LES Online**, v. 7, n.1, 2015, p. 03-16.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003 [1990].

CALHOUN, C. The Gender Closet: Lesbian Disappearance under the Sign “Women”. **Feminist Studies**, Vol. 21, No. 1, Spring, 1995, p. 7-34.

EVES, A. Queer Theory, Butch/Femme. Identities and Lesbian Space. **Sexualities**. Vol. 7(4), 2004, p. 480–496.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. 8 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985 [1976].

HALBERSTAM, J. **Masculinidade Feminina**. Trad. Javier Sáez, Barcelona-Madrid: E. Egales, 2008.

MEINERZ, N. E. **Mulheres e masculinidades**: etnografia sobre afinidades de gênero no contexto de parceiras homoeróticas entre mulheres de grupos populares em Porto Alegre. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

NICHOLSON, L. Interpretando o gênero. **Estudos Feministas**, 8 (2), 2000.

PLATERO, R. L. Lesboerotismo y la masculinidad de las mujeres en la España franquista. **Bagoas**, n. 3, 2009. p. 15-38.

SOBRE A ORGANIZADORA

Solange Aparecida de Souza Monteiro - Pedagoga, IFSP – Câmpus Araraquara. Doutoranda em Educação Escolar – UNESP- Araraquara. Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo (IFSP/Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: - Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio as Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE), Membro da Equipe de Formação Continuada de Professores. Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, História da Educação Sexual, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais. Participa do Grupo de pesquisa - GESTELD - Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos. Membro desde 2018 do Grupo de pesquisa “Núcleo de Estudos da Sexualidade - NUSEX”.

ÍNDICE REMISSIVO

C

Construção 1, 7, 9, 14, 20, 21, 22, 27, 28, 32, 37, 39, 42, 49, 51, 52, 53, 55, 58, 59, 61, 76, 78, 87, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 109, 116, 117, 118, 122, 127, 137, 138, 142, 149, 153, 159

Cultura local 116

D

Direitos humanos 16, 18, 32, 41, 71, 79, 92, 93, 94, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 120, 155

Direitos humanos das mulheres negras 92, 93, 99, 101, 102

Diversidade humana 76, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 108

E

Educação 18, 45, 46, 47, 48, 68, 69, 72, 74, 76, 78, 79, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 91, 110, 111, 113, 114, 116, 119, 148, 150, 153, 164, 165, 166, 168

Educação escolar 76, 168

Escrita de si 53, 63

Estudo de doutorado 86

Estudos feministas 17, 19, 20, 28, 29, 52, 91, 102, 103, 123, 135, 150, 156

Existência social dos negros e das mulheres 92, 93

Experiências educativas 86

Experiências lesbianas 86, 88

F

Família 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 41, 45, 46, 50, 56, 60, 79, 83, 88, 90, 146, 149, 151, 155, 165, 167

Feminina 4, 15, 26, 32, 34, 40, 42, 43, 44, 51, 53, 55, 62, 63, 64, 65, 66, 71, 86, 87, 88, 91, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 131, 133, 154, 155, 159

G

Gênero 3, 9, 12, 15, 16, 18, 21, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 37, 39, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 73, 74, 80, 81, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 99, 100, 101, 102, 121, 122, 123, 129, 135, 136, 137, 138, 140, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 156, 157, 158, 159, 164, 165, 166, 167

H

Hipervisibilidade 86, 88

História 3, 9, 15, 17, 19, 21, 22, 26, 27, 29, 30, 33, 43, 44, 55, 58, 59, 60, 62, 63, 66, 80, 86, 88, 91, 94, 97, 101, 118, 119, 121, 122, 135, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 158, 162, 166, 167, 168

História oral 19, 21, 29, 30

Histórico 1, 6, 9, 32, 65, 92, 93, 96, 106, 108, 117, 119, 139, 146, 159, 160, 162

Homossexual 2, 17, 18, 53, 54, 55, 56, 62, 63

Homossexualidade 18, 53, 56, 61, 63

I

Identidade de gênero 34, 42

Identificações masculinas 86, 88

Ideologias segregadas 104, 105, 114, 115

Imprensa 29, 53, 54, 55, 56, 62, 63

Imprensa lésbica 53, 54, 56, 63

Inclusão 28, 66, 69, 72, 78, 79, 102, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 118, 121

J

Jovens 71, 72, 92, 99, 101, 143

Jovens negras 92, 99, 101

Jurídico 1, 2, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 37, 41, 50, 82

L

Legislação 12, 15, 31, 40, 104, 108, 109, 110, 114, 115, 136, 161, 162

Legislação brasileira 104, 108

Lesbianidades 53, 55, 56, 57, 62, 86, 87, 88, 91

M

Marcações de diferença 92, 93

Marcadores sociais da diferença 60, 92, 93, 95, 96, 99, 101, 102

Marinha do Brasil 19, 20, 21, 27, 28, 29, 30

Masculinidade feminina 86, 87, 88, 91

Memória coletiva comum 116

Mulheres 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 12, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 163, 164, 165, 166, 167

Mulheres negras 92, 93, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 144, 150

N

Narrativa 20, 21, 25, 26, 59, 60, 61, 117, 137, 138, 141, 142, 143, 144, 145

Negras 92, 93, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 139, 144, 146, 150

O

Organizações 6, 19, 20, 27, 29, 42, 43, 57, 67, 104, 105, 106, 107, 110, 113, 114, 115, 150, 161, 163, 164, 167

P

Patriarcado 33, 67, 75

Pedagogo empresarial 104, 105, 106, 110, 111, 112, 113, 114
Performatizações de gênero 86, 87, 90
Pessoas com deficiência 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115
Poder 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 26, 27, 28, 29, 35, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 51, 52, 66, 80, 88, 90, 95, 98, 100, 101, 102, 103, 109, 116, 117, 118, 120, 121, 124, 133, 135, 139, 143, 145, 146, 159, 163, 166, 167
Política criminal 31, 34, 35, 37, 40
Políticas públicas de gênero 28, 42
Pós-verdade 1, 19, 31, 42, 53, 64, 65, 76, 77, 78, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 92, 104, 116, 123, 136, 148, 157
Processo histórico 92, 93, 106, 108, 159, 160

R

Raça 15, 34, 52, 66, 92, 93, 94, 95, 96, 99, 100, 101, 102, 140, 144, 145, 153
Racismo 66, 92, 93, 94, 95, 96, 99, 102, 103, 150, 155
Representação 15, 16, 64, 65, 88, 98, 116, 117, 121
Resistências 3, 16, 26, 46, 82, 98, 104

S

Sexismo 32, 92, 93, 94, 96, 99, 102, 103
Sistema prisional 31, 34, 40

T

Trajetória educacional 86, 87
Trajetórias profissionais 19, 20, 24

V

Vida de mulheres lésbicas 86
Violação de direitos 31, 32, 40
Visibilidade 15, 28, 45, 65, 66, 71, 86, 87, 88, 90, 102, 108, 146, 149, 157, 166

